

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB

CENTRO DE HUMANIDADES

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

TEMA: A SITUAÇÃO DA COTONICULTURA NORDESTINA

ORGÃO: CENTRO NACIONAL DE PESQUISA DO ALGODÃO

CNPA-EMBRAPA

ORIENTADOR(a): PROF. MARIA DE LOURDES FARIAS

AGRA

ALUNO: MAURICIO JOSE RIVERO WANDERLEY

CURSO: BACHARELADO EM ECONOMIA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: RURAL

MATRÍCULA: 7913076-2

PERÍODO: 89.2



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2021.

Sumé - PB

A P R E S E N T A Ç Ã O

O presente relatório faz parte das atividades desenvolvidas no período do Estágio Supervisionado. Este estágio foi realizado no Setor de Economia e Estatística do Centro Nacional de Pesquisa do Algodão (CNPA) da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA com duração de 270 horas no período compreendido entre outubro à dezembro de 1.989.

Foi orientadora deste trabalho a professora Maria de Lourdes Farias Agra.

I N T R O D U Ç Ã O

Este relatorio tem como fim o estudo da situação da Cotonicultura no Nordeste brasileiro, sua proposta é realizar uma análise do impacto causado pela queda da produção de algodão na região a partir das informações obtidas na pesquisa realizada pelo Centro Nacional de Pesquisa do Algodão CNPA/EMBRAPA, na qual participei coletando dados para as análises estatísticas.

O algodoeiro é uma malvacea originária de regiões tropicais tendo preferência por climas quentes embora tenha outras variedades se adaptada a regiões de clima temperado. É o caso da cultura na região centro-sul do país.

Os tipos arbóreo e herbáceo são cultivados no Nordeste sendo o *Gossypium hirsutum* mãrie galante (arbóreo) é encontrado nas zonas semi-áridas do sertão do Ceará, no Seridó e no sertão do Rio Grande do Norte e Paraíba, alto sertão do Estado do Pernambuco e o sertão do Piauí, onde o algodão é consorciado com o milho e o feijão. Enquanto que o *Gossypium hirsutum latifolium* (herbáceo) é cultivado nas zonas úmidas e semi-úmidas do Agreste e norte do Polígono das Secas principalmente em terrenos aluviais das margens do Rio Paraíba e do Mearem no Maranhão, do Parnaíba no Piauí, nos vales do Rio Acaraí e no Jaguaribe no Ceará.

É sabido que no Nordeste a má distribuição das chuvas que assola toda a região, tem comprometido toda a produção da região. Tendo em vista a grande dependência do regime pluviométrico, a determinação de cultivar o algodão sob condições irrigáveis se faz necessário.

Essa cultura além de depender dos índices pluviométricos, é vítima da incidência de pragas que é a responsável pela grande queda da colheita sendo também responsável por alto consumo de inseticidas no Brasil.

O aparecimento do bicudo (*Anthonomus grandis*) na cotonicultura do Brasil, tem prejudicado sensivelmente a produção do algodão não só na região Nordeste mais também na região Centro-Sul do país. Isto tem evitado a expansão da cotonicultura tornando até impossível manter níveis já antigos em safres anteriores, principalmente nas lavouras onde se pratica os métodos tradicionais de cultivo do algodão.

Portanto, se faz necessário o uso de técnicas novas que sejam adaptadas aos pequenos produtores. Terá que ser feito um trabalho muito sério para orientar os pequenos agricultores no sentido de que seja dada condições não só financeira mais também assistência técnica através de um trabalho de extensão rural consistente e massivo. Colocando técnicos de conhecimentos profundos sobre a situação no campo, para que possa vencer os obstáculos enfrentados pelos que vivem da cultura do algodão.

A E C O N O M I A A L G O D O E I R A N O B R A S I L

O Brasil apesar de contar com três áreas de cultivo: regiões Sul, Leste e Norte é, geralmente, dividida em apenas duas grandes regiões: a Meridional, que envolve os Estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul e Rio de Janeiro, e a Setentrional, abrangendo todos os demais Estados produtores, do Pará à Bahia. Dentro dessa divisão, a região Meridional é exclusiva para o algodoeiro herbáceo, enquanto na Setentrional são cultivados os tipos arbóreo onde se encontram o Mucó e o herbáceo, com predominância dos primeiros em área cultivada.

A produção brasileira de algodão arbóreo participou com cerca de 24% da produção nacional em 1.978, decresceu significativamente nos anos subsequentes, chegando a apenas 4,87% em 1.983, em decorrência de problemas econômico-digo, ocasionados pela seca que assolou a Região no período de 1.979-83, em decorrência digo, reduzindo a área plantada e a produtividade deste tipo de algodão. Por outro lado, o algodão herbáceo teve, no período entre 1.978 e 1.982, a sua produção aumentada, devido ao incremento dos níveis de produtividade na região Meridional.

O algodão é um dos produtos básicos para a economia brasileira, principalmente da região nordestina, onde possui fundamental importância social na geração de empregos, nas áreas rural e urbana (indústria de beneficiamento e têxteis).

A região Meridional destaca-se como a principal produtora de algodão em caroço, do país, produzindo cerca de 20% da área plantada, 80% da produção nacional. Essa região, além de possuir excelentes condições edafoclimáticas para a cultura emprega, em seu cultivo, um bom nível tecnológico, utilizando insumos às pragas e doenças.

Na região Setentrional, apesar da importância do algodão para o setor primário, assim como para o desenvolvimento da indústria têxtil regional e nacional, a produção de algodão em caroço participou com cerca de 20% da produção nacional ocupando 80% da área plantada. Referindo-se principalmente ao algodoeiro arbóreo, a produtividade e a área plantada vêm diminuindo nos últimos anos, com conseqüentes redução na produção total de algodão em caroço, devido a todos os fatores e problemas já salientados, além do tradicionalismo regional e da estrutura fundiária, onde o baixo poder aquisitivo do pequeno produtor, aliado à falta de créditos, conjugado com o sistema de parceria, que dificulta o uso de técnicas avançadas desestimulando as inovações e mudanças tecnológicas que incorrem riscos maiores.

A S I T U A Ç Ã O N O N O R D E S T E

A situação atual da cotonicultura no Nordeste, com o aparecimento do do Bicudo, é de uma economia fracassada, mas que isto não caracteriza o Nordeste como uma região inviável para a produção algodoeira.

Contudo, a região Nordeste possui grandes possibilidades para reativar a cultura do algodão apesar da escassez de chuvas.

Encontra-se nessa região um potencial hídrico armazenado que pode se considerar a saída para esta crise que ora estamos.

A produtividade da região Nordeste, na cotonicultura, é muito baixa por vários motivos. Além da periodicidade das secas e a longa estiagem dos últimos cinco anos a qualidade das sementes utilizadas na região também é fator decisivo na queda da produção. A mistura varietal resultante da alta taxa de cruzamentos natural ocasionam, no Nordeste, o aparecimento de tipos locais, conhecidos como verdões ou rasga-letra. Esses tipos, além de serem uma mistura de tipos herbáceos, arbóreo e de seus híbridos, possuem fibras de baixa qualidade tecnológica, não tendo boa aceitação pela indústria têxtil.

Assim sendo, para o Nordeste não existe nenhuma outra lavoura que substitua a rentabilidade da cotonicultura.

Dá, ver-se, que o agricultor nordestino precisa de ajuda dos órgãos governamentais para sua salvação.

C O N C L U S Ã O

Para que haja uma recuperação da cultura do algodão no Nordeste, é necessário que o governo através do Ministério da Agricultura auxiliado pelas Secretarias Estaduais, façam um trabalho urgente de recuperação da cotonicultura nesta região. É necessário que se procure recuperar as áreas onde se cultiva o algodão. Mudando a mentalidade dos pequenos produtores, abrindo linhas de créditos com juros dentro das possibilidades destes. Aproveitando as reservas d'água existentes para a práticas de culturas de algodão irrigado superando desta forma as tão famigeradas secas que se constitui o maior problemas na agricultura do Nordeste.

R E F E R E N C I A S B I B L I O G R A F I C A S

- 01 - BARREIRO NETO et alii. Causa da baixa produtividade da cultura do algodoeiro mocó no Nordeste do Brasil. Campina Grande, PB. EMBRAPA/CNPA, 1982. 11p. (EMBRAPA/CNPA. Documento, 10).
- 02 - CR_SOSTOMO, J.R.. Proposições sobre a melhoria da cultura algodoeira no Ceará. Campina Grande, PB. EMBRAPA/CNPA, 1986.
- 03 - BELTRÃO, N.E. de M. Arranjos de plantas no consórcio algodão arbóreo, milho e feijão vigna. Campina Grande, PB. EMBRAPA/CNPA. 1983.
- 04 - BRAGA SOBRINHO, R. Levantamento e avaliação de sementes de algodoeiro distribuídas aos agricultores de alguns Estados do Nordeste do Brasil. Campina Grande, PB. EMBRAPA/CNPA. 1982
- 05 - SILVA, M.J. da; BELTRÃO, N.E. de M. & SANTOS, E.O. dos. Perspectivas da irrigação na cultura algodoeira no Nordeste brasileiro. Campina Grande, PB. EMBRAPA/CNPA, 1981.